



Director—António Dantas, filho
 Secretário da Redacção—António Geraldo
 Editor—António A. Carvalho Júnior

Quinzenário Académico
 Propriedade da Empresa de O CALOIRO
 Guimarães, 31 de Janeiro de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 Rua de Gil Vicente, 93—GUIMARÃES
 Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
 RUA DE PAIO GALVÃO

A nossa política

Alguns respeitáveis académicos se nos dirigem, em termos muito amigos, aconselhando-nos a que no nosso humilde quinzenário não discutamos assuntos políticos, conselho que lhes foi sugerido, certamente, pelo artigo que sob o título *Efeitos da intáctil* publicámos no último número.

Respeitando sempre, com máximo prazer, opiniões alheias, quando elas vem, como a de que se trata, de camaradas inteligentes e sinceros, não podemos, contudo, deixar de aduzir aqui o motivo por que trouxemos à publicidade esta modesta publicação quinzenal que, para significar a nossa pequenez, intitulamos «O Caloiro», e a razão por que nas suas colunas permitimos a apreciação de factos políticos.

Não foi a mira em lucro que com «O Caloiro» pudésemos auferir que nos levou à sua publicação.

O nosso fim, sem vaidade o dizemos, é bem mais nobre e mais alevantado.

Há muito que as gerações académicas vem sendo desprezadas pelos poderes públicos que as tem votado a um ostracismo inconcebível, esquecendo as suas mais justas reclamações e postergando os seus mais sagrados direitos.

Este estado de coisas, viamo-lo nós com máguia continuar, e foi isso o que nos trouxe à estacada, fundando um jornal que, embora fraco na sua compleição, pudesse, contudo, servir de forte baluarte donde os nossos irmãos nas lutas liceais, defendessem, e scudados com a Verdade e com a Justiça, os direitos que vêm cair por terra.

Nunca foi nossa ideia fundar um jornal político, mas sim um jornal académico, de defesa e não de ataque.

Nós não somos políticos.

A força das circunstâncias, porém, obriga-nos a reconhecer que hoje em Portugal a vida material é puramente política, e como só política se respira, se come, e só em política se fala em toda a parte, ainda nos mais recônditos cantos dêste desventurado país, bem digno de melhor sorte, entende-



José Luís de Pina
 Reitor do Liceu Nacional de Guimarães

Os anos do nosso Reitor

É bem certo que é de contrassensos bem cheia a vida.

Guimarães toda conhece e estima e aprecia e venera essa bellissima alma de artista que é o digno Reitor do nosso liceu, sr. **José Luís de Pina**. Pois aquela flor de talento e de bondade nasceu, neste doce torrão, aos 29 de Janeiro de 1874. No mais rigoroso inverno brotam assim as mais galantes rosas!

De rosas feita queríamos nós uma linda grinalda com que fôssemos aureolar aquela fronte gentil, onde resplende todo um mar de bondades feito.

A falta de rosas, que estas singelas linhas exprimam os fundos desejos de prestar homenagem, em preito bem sentido, ao Reitor de todos querido.

Por muitos e bons anos!

mos que, não fazendo nós política de casa, como não fazemos, podíamos, todavia, sem desdouro para o fim que nos propusemos, permitir que os nossos inteligentes colaboradores tratassem dos assuntos que lhes aprouvesse, embora embarrassem nessa serpe venenosa que de política tem o nome.

Porque, compreendamos:

Se é certo que *nem só de pão vive o homem*, é também assás claro que nós, os estudantes, de mais alguma coisa precisamos para a nossa vida social futura, além da matemática, das línguas e das sciências que, sendo cousas belas nos preparos teóricos, esbarram com cada obstáculo nos resultados práticos, que é necessário irmos de antemão calculando o ver-

dadeiro valor da vida pública, para não ficarmos *chumbados* em qualquer discussão de somenos importância.

Humildes liceais de hoje, seremos, quem sabe? talvez amanhã alguns de nós, médicos, advogados, funcionarios públicos, chefes de concelho ou de distrito, deputados, senadores, ministros até, e, em qualquer dos casos, aí estamos nós, ainda que contra vontade, envolvidos na política, porque hoje em dia em Portugal a política é prato forçado àqueles que queiram seguir uma carreira honesta para pelo seu trabalho angariarem os meios de subsistência e um nome honrado para seus filhos.

Não é, pois, para estranhar que os estudantes de hoje—a quem porventura estarão amanhã confiados os destinos da sua querida Pátria—se embrenhem desde já, a par da matemática, das línguas e das sciências, no estudo da política do seu país, para que quando, findos os seus estudos, entrem na vida activa, não sejam colhidos de surpresa numa rede tecida de falsidades, intrigas e aviltamentos, e possam, de frente erguida e coração tranquilo, seguir o caminho que a sua consciencia lhes apontar.

Assim o compreendemos e cremos que connosco estarão todos os nossos ilustres camaradas das diferentes terras do país.

«O Caloiro» não faz política de casa. Para êle todas as políticas são boas e más ao mesmo tempo.

Sendo um jornal da classe académica, é também um campo aberto ás discussões instrutivas dos seus colaboradores, ás quais se conserva estranho, guardando a mais rigorosa neutralidade, e oxalá que, dentro dos limites da ordem e da decência, elas se travassem acaloradas em suas colunas, porque... *da discussão nasce a luz*.

Crónica literária

A RENASCENÇA

Este período florescente, que, durante os seculos XV e XVI, dum modo tam salutar se fez sentir por toda a Europa, foi chamado a segunda Renascença, ou

a Renascença propriamente dita.

Uma das causas d'este movimento literário e científico foi a tomada de Constantinopla pelos turcos, donde resultou a fuga desses génios imortais, que a história nos aponta como os escribas dessas fogueiras pequeninas, que através da idade média, apareciam em diversos pontos, como parecendo dizer-nos que se não haviam apagado totalmente, e, que bastavam algumas gotinhas de combustível... para que essas pálidas fogueiras, amortecidas pelo vento da insânia, que tudo destrói, que tudo obscurece, estacionassem vivas por mais alguns momentos, sobre a terra, até que, apparecessem almas bemfazejas, que reavivassem essas gotinhas prestes a tombar no esquecimento, a volver ao pó, donde jamais quebrariam a lousa muda e fria!... Então essas pequenas gotas acordariam do pesado letargo em que até aí tinham vivido, e, com o seu ofuscante brilho, inundariam o Universo de luz; e com o seu calor vivificante, fundiriam e haviam de arredar para longínquas paragens, esse terrível obstáculo á expansão universal, que é a ignorância.

Também concorreram para a Renascença a célebre invenção do alemão Gutemberg de Mogúncia que operou uma notável revolução nas letras; a pólvora, modificando duma forma radical a arte da guerra, e a bússola, guiando os marujos por esse majestoso Atlântico, povoado de fabulosos gigantes, e monstruosos fantasmas!

Os descobrimentos dos espanhóis e principalmente os dos portugueses muito concorreram para a Renascença.

João I e Filipa de Lencastre deram-nos um filho chamado D. Henrique, que, compreendeu nas salsas águas do Oceano, o nosso poderio, a nossa grandeza futura!

Foi elle que, em Sagres, face a face com as águas oceánicas, concebeu a ideia de arar o oceano, acabando com vãs superstições, rindo-se das antigas lendas!

Foi debaixo das ordens d'esse benemérito do cristianismo e da civilização, que as primeiras caravelas se abalançaram ao mar, destruindo duma vez para sempre todas as lendas, que se opunham á passagem dos cabos Não e Bojador!

Foi ainda debaixo da alçada d'este príncipe, que as nossas caravelas descobriram as ilhas de Pôrto-Santo e Madeira. Quantas vezes este inclito príncipe, glória dos portugueses, passava dois dias seguidos, sentado no mesmo sítio, para nos legar na história da civilização, um nome digno dele, e pára ser útil a toda a humanidade!!

Ah! Como nós devemos abençoar a memória de seus progenitores, por nos legarem um português de tam fino toque, que não podendo alargar o território da sua pátria cara, lhe outorgava o oceano!...

Qual seria o português que arrostaria com as indómitas vagas do Oceano? Só um homem da sua tèmpera: só um homem como elle, a quem as altivas e encapeladas ondas, que vinham quebrar-se contra os rochedos, pareciam o mur-

múrio doce dos beijos castos duma saudosa amante, lançada nos braços salvadores do seu amoroso consorte, que só por ella, e pára ella vive!...

Um Vasco da Gama, um Álvaro Cabral e tantos outros não se atreveriam certamente a dobrar mares contendo fabulosas... águas, que ninguém até ali tinha sulcado!...

A Renascença inciou-se primeiro na Itália com Dante, Petrarca e Bocaccio, estabelecendo-se em Florença, mediante a protecção concedida pela família dos Médicis; a seguir entrou em Roma, auxiliada por um illustre membro da família dos Médicis, Leão X, o sábio pontífice, que deu o nome ao século XVI. O papa Júlio II, também favoreceu muito este período literário. Aqui floresceram artistas célebres, como Rafael, o insigne pintor, e Miguel Angelo, notavel architecto: existiram aqui humanistas illustres como Bembo e Sadoleto; eminentes historiadores como Guichardini e Machiavello; e distintos poetas como o autor da Jerusalém Libertada, e Sanazarro, o primeiro bucólico italiano.

Brook.

(Continua).

Por tabela seca

Fiado no ditado que diz—muitas vezes duma má toca sai um bom coelho, resolvo-me a maçar a paciência dos leitores que me queiram atender.

E fiquem suas Ex.^{as} sabendo, que já não é a primeira, nem a segunda vez, que escrevo artigos para jornais. Já tenho disto longa prática.

A primeira vez que tal fiz, foi já há bastante tempo, mas ainda me lembra como se fôsse hoje; eram vésperas dos meus anos, e todo satisfeito corri a um amigo que tinha um jornal, entregando-lhe um menisco-linguado que dizia o seguinte: Faz amanhã anos o nosso bom amigo e laureado estudante senhor, (seguia-se o meu nome.)

Com que satisfação eu vi este meu artigo, muito bem pôsto no centro do jornal, e sem emendas! Sinal evidente de que estava bem escrito!

O diabo foi no dia immediato, um professor meu que leu este artigo, e me chamou, fazendo-me estender, numa lição de que eu nada sabia, única e simplesmente para desmentir perante o curso a palavra laureado.

Já é ser casmurro!...

A segunda vez, foi em Lisboa! Terra grande! E num dos jornais de maior circulação!..., tenho a confessar que o assunto foi dado por minha mãe. Mas que tem isso, se o belo da linguagem era meu? Este artigo dizia:—Precisa-se uma criada para todo o serviço, de cosinha. Basta saber o trivial, na rua... (seguia-se a minha morada.)

Por isto, deve estar feita

A minha apresentação.

Já escrevi num jornal

De grande circulação!...

E como estava contente, Pois ia ter um derricho. Visto que o artigo dizia — Serva p'ra todo o serviço.

Em tendo vagar, deixarei de fazer colheres, para escrever pára este pequenino jornal, e sempre com o mesmo título.

Qual o assunto?

Critica a tudo.

A novos e velhos, altos e baixos, a tolas, a feias e bonitas, a janotas, a pedantes, a estudantes, a professores, a meninas com ingenuidade forçada, a papás refilões que não deixam sossegadamente namorar as filhas; e talvez a minha espada afiada vá mais longe, cortando sem dó nem piedade os políticos de barriga.

Por isso aviso: quem tiver medo, emende-se, se não quiser ver qualquer crítica a seu respeito.

Temei tolos, janotas e pedantes
Não a patrulha,
Mas o criticador dos estudantes,
Senhor

Fagulha.

Crónica académica

Eram dezasseis horas, quando sai daquela terrível aula de matemática, com o cérebro avariado e a intelligência confusa. Aquela engrenagem misteriosa de letras e algarismos, de x e y , causaram-me tal embrulhada na memória, como me causou tristeza o noivado do sepulcro de Soares de Passos, a primeira vez que o li. E de mais a mais o professor, com aqueles tons catedráticos, complicou-me de tal modo as demonstrações, que eu já nem via os algarismos, e para mais, prega-me com um zero, sem dó nem piedade. Não faltava mais nada a um deserdado da sorte como eu, que dia a dia luta com os ventos do infortúnio nestes tempos calamitosos.

E ainda há quem diga que não há vida como a de estudante!...

Coitados!... Nunca souberam o que é entrar para uma aula em véspera de ser chamado, com a lição em branco, nem experimentaram as cólicas de exames; senão nunca assim falariam! Quando saí do Liceu, não via na minha frente senão x , y , z , etc; até me parecia que os meus passos obedeciam totalmente, não a uma cadência musical, mas sim áquelas regras em que é preciso andar sempre com o x ás voltas. Fiquei apavorado! O professor encolerizado, metia-me medo; os colegas aterrados, causavam-se desconfiança; até me parecia que as paredes da sala conspiravam contra mim. Tal pavor me fizeram!...

Lutar pela vida é um instinto de conservação; mas continuar naquella martírio será uma tolice monstruosa...

Nesta época da juventude, no período áureo das illusões, é triste aquella vida espinhosa, que não deixa sossegar o espirito um só momento. De manhã, de tarde, á noite, sempre aquelle tormento dos livros, sem haver um momento de folga para dar uma volta ás avenidas, ver voejar as mariposas e respirar o ar puro daqueles campos dalém!

Bem procuro nas minhas matemáticas algarismos para resolver tão intrincado problema; mas, afinal, na verificação encontro só esta conclusão:— estudar, estudar! Não há meio; o remédio é estudar até dar em doido, se quero conseguir algum fim; do contrario não arranjo nada. E as aulas para amanhã? Que terríveis elas são!... Português, Latim, Francês e Alemão! Quatro aulas formidáveis, e eu sem saber literalmente nada! Vou agarrar-me ao verbo *cum totis viribus*, a ver se apanho uma nota boa, para depois me voltar para a maldita matemática — minha irreconciliável inimiga.

(Continua).

A. D.

Sinapismos...

A concurso

Está vago o logar de *ministro plenipotenciário* de... Relho.

Bela ocasião para o *sapientissimo* doutor ver realizadas as suas aspirações.

Concorra ao *logarzinho*, porque estas occasiões não abundam.

Poderá ter a certeza de que ninguém apresentará diplomas superiores aos seus; basta o de... *tollo chapado*. Só esse garante-lhe o emprego.

Faça encomenda da farda aos abalisados *alfaiates* da Rua de S. Dámaso; olhe que nenhuns outros poderão satisfazer plenamente as exigências da... moda.

Logo que tome posse, mandaremos cobrar as alvífaras; mas primeiro desejamos vê-lo com a *farda*, que lhe deve assentar muito bem.

Adeusinho... até á vista.

Contrabando

Prevenimos os srs. fiscaes de que anda por aí um *traste* que não traz *contraste*.

E' um poeta que passaram por contrabando, para os lados de cá.

Foi remetido da Galiza dentro duma canastra, empalhado com chinasas, como sendo pescada e afinal é... faneca, digo é poeta.

Gato no caso: ia para escrever poeta e escrevo pate...ta, mau, mau, hoje trago macaca commigo, não há que ver.

Olhem, srs. fiscaes, trago as ideias muito confusas, não me recordando se é poeta ou se traz um T na testa; mas em qualquer dos casos, cumpre-nos participat-lhes que é contrabando e *artigo* ordinárrissimo.

Achavamos conveniente, em logar de lhe ser applicada a multa, atirar com elle para o lixo.

De fato sujo

A D. Maria do O' traz um escrito pouco decente.

Um dos seus *factos* está muito sujo, e bom seria que os lavasse no tanque da *moralidade*, porque a leitura é indecorosa.

Por esse caminho torna-se uma *alvorada* muito vermelha, parecendo-se mais com o pôr do sol.

Não temos propensões a moralistas; sómente desejamos que se não veja tam encarnado o que deve estar alvo; ou não seja *alvorada*.

PERFIL

Carregado p'los sóis de inúmeros estios
E tiritando os frios,
De corpo quasi nú,
Encontro-o sempre á tarde, e triste, apaixonado,
Pascendo no barranco o tojo duro e cru.

E' um begueiro activo, e—quem sabe?—criado
P'ra membro vir a ser duma familia nobre,
E não fotografar só lágrimas, miséria!
Alimenta um casal, mísero, desgraçado,
Co'uma vida tam pobre
Que faz empedernir a mais remota artéria.

Apraz-lhe bem viver sem barbaicho em cobre
Que o afadiga, engastado ao carro do patrão,
Quando chega um freguês.
Mas é tam vil a sorte—ai!—para um carrejão!...
Fizeram-no nascer em sitio português!...

Conhece por seu dono uma alma esmigalhada
Que lhe dá por sustento a rija cabeçada:
E, em vários repêlões, pelo rude caminho,
Trata-o com bem carinho...
Agarrando-lhe—o cruel!—assim, pelas faceiras
Chicoteando-lhe—o mau!—as miserias traseiras!

Quando chega á estação, decaído, prostrado,
Com a fome do dia,
Em jejum natural,
Vê-se o amo arremeter ao desgraçado,
Mostrar da estrada, além, desprovido beiral,
Onde há-de pastar só—resignação de santo!—
Só meia hora, se tanto.

Tenho pena de ti, quando te vejo á tarde,
Prêso á ennogada corda e com férreo tocho! Admiro-te essa mágnã, onde até a velhice arde
Com os ossos p'lo chão!
E admiro-te, ó begueiro, ao ver que a tua vida
E' dos entes do mundo—oh!—tam desprotegida
Que tenho dó de mim!...
Eu penso num sem fim de continuados ais
Se, mortos por crueldade os meus queridos pais,
Me acontecerá assim!

R. E.

Pelos liceus do país

Pôrto, 26.

Já se encontram á venda os bilhetes para o próximo espectáculo a realizar nesta cidade, no dia 10 do mês de Fevereiro, pela Tuna Académica dos Liceus do Pôrto que deve ter logar no Palacio de Cristal, Teatro Gil Vicente.

Os ensaios tem decorrido no maior entusiasmo, tendo-se ensaiado, entre outros trechos, A Boémia, de Pucini, Palhaços, de Leoncávalo, valsa Sphinx, do maestro Popy.

—Capas e batinas andam num sarilho. Estou a ver que tenho de me utilizar da capa de alguma velha que se compadeça de mim. E' tanto o entusiasmo dos meus colegas com o afã de meter figura no meu torrão natal, a velha Guimarães, que se não me mexo, fico a par de pilulas.

Quanto ás damas, as belas mariposas que embelezam as janelas, espero muita fôrça de flores e olhares amáveis.

Rapazes! Raminhos, lacinhos e... qualquer coisa no cabelo, e toca a preparar, que o tempo corre sempre.

Até breve.

Boby.

Viana do Castelo, 28.

A academia desta cidade vai no dia 4 do próximo mês em excursão á vila de Caminha, onde dá uma récita oferecida ás gentis damas caminhenses, e em beneficio da Oficina de S. José, desta cidade.

Acompanha a academia o professor sr. João da Rocha.

O programa é composto de vários monólogos e poesias, e das engraçadas comédias: *Dois estudantes no prego*, *Quem se mete com rapazes...* e *Uma experiencia*.

J. Sá.

Para recrear

N.º 1

Manuel e António deram um pequeno passeio; no caminho encontraram uma laranjeira e o primeiro tirou 6 laranjas e o segundo 4.

A certa altura resolveram comer as laranjas; mas de repente chegou Joaquim que se aproveitou do farnel, comendo todos três a mesma porção de laranja. Joaquim deu a Manuel e António 10000 réis pelas laranjas que comeu.

Pergunta-se: como deve ser feita igualmente a divisão daquela importância pelos dois primeiros?

N.º 2

Um indivíduo foi visitar uma fábrica. Depois de ter percorrido todos as dependências, desejou conhecer o número de operários que estavam trabalhando e perguntou-o ao proprietário, o qual lhe respondeu: eu não tenho mil; mas o seu número dividido por 7, ou por 3, ou por 5, ou por 9, dá de resto 2.

Pergunta-se: qual o número de operários que trabalhavam na fábrica?

Publicam-se os nomes dos indivíduos que nos enviarem a resolução certa, dos problemas.

Prevenindo

Toda a correspondência relativa á redacção e administração deste jornal, deve ser enviada ao seu director.

Pedimos aos nossos colaboradores o obséquio de nos enviarem os seus originaes para o próximo número o mais breve possível, pois, «O Caloiro», é publicado no dia 11 de Fevereiro, em homenagem aos nossos colégas portuenses.

Quereis encontrar um variado sortido de bolacha nacional da Pampulha e Inviçta? Ide á mercearia do Castro.

Excursão a Guimarães

No dia 11 do próximo mês de fevereiro, teremos o prazer de receber dentro dos nossos muros a visita da excelente Tuna Académica dos Liceus do Pôrto.

E' de prever uma festiva recepção, porque o povo de Guimarães sempre primou em receber com galhardia todos aqueles que o honram com a sua visita.

Caros colegas, vinde, que muito nos penhorais, e podeis estar certos de que sereis recebidos con dignamente.

Colegas Portuenses

Visitaram a nossa redacção os colegas e amigos Marcos Silva Matos, Presidente da Tuna Académica dos Liceus do Pôrto, José de Oliveira e Aprigio Neves de Castro, que vieram a esta cidade tratar de assuntos relativos á próxima excursão que nos honrará no dia 11 de Fevereiro.

Também tivemos o gôsto de abraçar o nosso amigo e colega Joaquim Roberto de Carvalho, representante de O Caloiro na Inviçta.

Quereis saborear o excelente queijo da Serra, vindo directamente?

Ide á nova mercearia Castro, na R. de Paio Galvão.

Pregões nicolinos

Começamos hoje a publicar os tradicionais pregões das festas nicolinas em tempos que já vão bastante longe.

Satisfazemos assim os desejos de muita gente que venera estas apreciáveis velharias.

Hesitámos na ortografia a dar-lhes. Resolvemos pela unidade gráfica, permitindo-nos a liberdade de assim vestir na singeleza de agora o fino ouro dos lindos pensamentos de eras passadas.

Cacau Holandês de JONG a 220 réis a lata de 1½ k., só o tem a mercearia Castro.

Contribuições

As rendas de casa e indústria, pagam-se em Fevereiro, e a predial em Março.

Grupo Musical Recreativo dos empregados no comércio e Indústria de Guimarães

Realizou-se no dia 21 a eleição dos corpos gerentes deste brioso grupo, dando o seguinte resultado:

Presidente, Augusto D. A. Teixeira Bailarico; Vice-Presidente, Virgílio Carvalho; 1.º Secretário, António Nogueira; 2.º Idem, João Costa; Tesoureiro, António Pereira de Lima.

ALUGAM-SE

Um escritório com o n.º 100 e uma cocheira com o n.º 96 na rua 31 de Janeiro desta cidade.

Vende-se a casa nobre n.º 45—S. Bento—.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

Mercado semanal

Vende-se

Um carrinho, garra-no e arreio, junto ou separado.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

FOLHETIM

PREGÃO

NA

Festa dos Estudantes de Guimarães

(CHAMADA DE S. NICOLAU)

Ano de 1817

Oh Licia! Oh dos Impérios flor amena!
Que pouco te importou que, inchado o Sena,
Trasbordando feroz o peso ingente,
Desenrolasse da tremenda enchente
Sôbre teus campos, teus estados, praças,
Rolando em cada onda mil desgraças!
Que pouco te importou que o feliz Marte
Que arrasou de Dantzic o baluarte,
Que ás maiores nações arrima o ombro,
E as maiores nações cobre de assombro,

Sôbre teus muros trovejasse horrendo,
Em ódio, em vingativa raiva ardendo!
Herói tiveste, que os Heróis esmaga,
Augusto morador da excelsa Plaga,
Que a frente de imortal esplendor matiza,
E as Estrelas aos pés sagrados pisa.
Mimo de Jeová, mimo de Aquele
Que os Orbés todos assoprando impele,
Rei dos anos, Senhor da Eternidade,
Maior, inda maior, que a imensidade.
Foi êle, ninguém mais; foi, eu o juro,
Quem contra a Gália ergueu bronzeado muro,
Ele, qual Bóreas que o negrume espalha,
Faz em pedaços a infernal canalha;
A águia feroz de sangue tinge a pluma,
E açoitada na terra em raiva espuma.

Guimarães! Que se segue? O grato fogo
Em gratos corações não rompe logo?
Haverá entre nós algum ingrato,
Que em culpada inacção fique, insensato?

Não, assim não será; os seus louvores
Eu já passo a ordenar. Rufem tambores.
A sua Guarda de Honra nós compomos,
Ministros do seu culto só nós somos;
Silêncio respeitoso! Ordem do dia:
«Será sem Lei, Escolástica Folia.
As ruas correndo a juventude solta,
Quanto lhe agrada levará de envolta.
O condigno ornamento das janelas
Damasco não será, serão as Belas.
Aos Ginjas que tolherem que elas falem
Mil pranchadas nas costas logo estalem.
O sórdido taful, o audaz Caixeiro
Que á Função se meter de prazenteiro
Há-de limpar-nos com a língua as botas,
E levar as costelas meio rotas.
O Rendeiro, a não estar bem preparado,
Há-de ser no Toural arcabuzado.
O oficial maior fica incumbido
De o que mandamos nos mostrar cumprido.
Cubram-se as testas, o clarim se emboque,
Marchemos! O tambor ao Bando toque!»

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de Encadernação, Papelaria e Livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encatrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

Á Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde 600 a dúzia.

Ampliações inalteráveis desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos. 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primaria, secundaria e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à direcção

O CALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Semestre ... 240 rs.
Trimestre ... 120 "
Numero avulso ... 20 "
Pelo correio aumenta 60 reis para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha ... 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

O CALOIRO

Quinzenário Académico

Ex.^{mo} Sr.